

Católicos Hipermodernos: a Transformação de Músicas Seculares em Religiosas no YouTube¹

Daniel Aloisio dos Santos SILVA²
Ravena Sena MAIA³
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

O objetivo desse artigo é observar a relação dos meios de comunicação com a Igreja Católica, a partir da análise da presença de canções seculares nos canais religiosos do *YouTube* “Projeto Laus Deo” e “sistercristinaVEVO”. Para isso, foram analisados os *covers* ou *mashups*⁴ das canções seculares presentes nesses canais, bem como os comentários dos vídeos, sob o enfoque de autores como Gilles Lipovetsky, Joanna T. Puntel e Antônio Spadaro. Na análise é possível observar que a apropriação das músicas seculares por esses canais religiosos trata-se de um fenômeno ao mesmo tempo ciberteológico e hipermoderno, capaz de produzir novas formas de se viver a religião.

PALAVRAS-CHAVE: *YouTube*; Hipermodernidade; Ciberteologia; Igreja Católica.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo, de modo geral, analisar a relação dos meios de comunicação com a Igreja Católica. Para isso, os objetos de estudo são dois canais do *YouTube* de músicos católicos, “Projeto Laus Deo” e “sistercristinaVEVO”. Os canais são conhecidos no meio digital por terem vídeos de *covers* ou *mashups* de músicas seculares. Nesse caso, observa-se que tais canções, ao serem regravadas por esses músicos, perdem o seu caráter original e ganham um novo sentido de cunho religioso. Há um fenômeno de apropriação religiosa de músicas seculares, algo que influencia a espiritualidade dos fiéis religiosos que consomem essas “novas canções”.

Diante dessa realidade, surge o questionamento: como a apropriação de músicas seculares por esses canais religiosos no *YouTube* modifica a forma de se viver a religião? A hipótese dessa pesquisa é que esse fenômeno não só modifica, como também favorece

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação – jornalismo da Facom-UFBA, e-mail: danielaloisio02@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação – jornalismo da Facom-UFBA, e-mail: ravenamaia.edu@gmail.com.

⁴ O *mashup* é uma canção criada a partir da mistura de duas ou mais canções pré-existentes, normalmente pela transposição do vocal de uma canção em cima do instrumental de outra, de forma a se combinarem.

o surgimento de novas formas de se viver a religião através da transformação progressiva da canção secular em religiosa, sintoma de uma espiritualidade hipermoderna.

O artigo começa com uma explanação sobre a relação histórica dos meios de comunicação com a Igreja Católica. Antigamente, era observado um tom condenatório dessa instituição aos novos meios de comunicação e aos avanços tecnológicos. Progressivamente, a Igreja passou a se utilizar desses meios como ferramentas de evangelização. Hoje, observa-se um “inculturamento” da mensagem cristã na cibercultura, criando assim o que Spadaro (2012, p. 13) define de ciberteologia.

Em seguida, o leitor é convidado a conhecer a história do *YouTube* e sua relação com a música. Muitas religiões, em especial a Igreja Católica, começaram a se utilizar da plataforma. Por trás do simples desejo dos indivíduos ou grupos religiosos de promoverem uma “evangelização” através dos canais de *YouTube*, observa-se que essa presença religiosa na Rede é um reflexo do “contexto no qual a fé é chamada a se exprimir não por uma mera vontade de presença, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida dos homens” (SPADARO, 2012, p. 25).

Depois, os canais “Projeto Laus Deo” e “sistercristinaVEVO” serão devidamente apresentados, bem como suas características e principais informações que sejam importantes para a análise dos canais. Essa análise será feita através do estudo dos conteúdos dos *mashups* ou covers publicados e os comentários observados nos vídeos. Esse estudo foi feito sob um enfoque filosófico e sócio-político de teóricos da comunicação como Joanna T. Puntel e Antônio Spadaro, os quais contribuem nas reflexões sobre a relação da Igreja com os meios de comunicação e a ciberteologia; e Gilles Lipovetsky, que contribui com a noção de hipermodernidade.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A IGREJA CATÓLICA

A relação da Igreja Católica com os meios de comunicação é historicamente complexa. A Igreja sempre se interessou pela comunicação, “segundo os critérios e cultura da época, bem como o grau de compreensão da Igreja em cada período” (PUNTEL, 2011, p. 222).

Em nível teológico, é profunda a relação entre a comunicação e espiritualidade. O teólogo e comunicólogo Antônio Spadaro diz que:

O Cristianismo é fundamentalmente um evento comunicativo. Tudo na revelação cristã e nas páginas bíblicas transpira comunicação: os céus

narram a glória de Deus, os anjos são meus mensageiros e os profetas falam em seu nome. A sua maneira tudo – anjos, sarça ardente, mesas de pedra, sonhos, asnos, tons, sussurros e sopros de vento ligeiro – pode se tornar um dos meios que realizam essa comunicação (SPADARO, 2012, p. 24).

Já em nível prático, essa relação entre comunicação e fé se dá através de inúmeros fenômenos observados na sociedade. Segundo Marques de Melo (1985) citado por Puntel (2011, p.222), quando se trata da Igreja Católica, uma das mais antigas instituições do mundo ainda em atividade, é possível identificar quatro fases na trajetória entre Igreja e Comunicação: 1) Censura e repressão; 2) Aceitação desconfiada; 3) Deslumbramento ingênuo; e 4) Avaliação crítica.

A **primeira fase** é caracterizada pelo período de censura e repressão da Igreja aos meios de comunicação. Essa fase começa de maneira modesta no século XV logo com o surgimento da prensa gráfica criada por Johannes Gutenberg, o que permitiu a massiva impressão e popularização de livros, como a Bíblia. Segundo Silva (2010 p:19), citado por Souto (2016, p. 159), no início a Igreja até viu com bons olhos o surgimento da imprensa, como uma possibilidade de expansão do conhecimento. No entanto, no século XVI, com a Revolução Protestante, a Igreja passa a manter uma posição defensiva, buscando controlar as mensagens difundidas que atacavam o poder exercido.

Esse cenário começa a mudar somente no final do Século XIX, quando se inicia a **segunda fase**. Nesse momento, mudanças profundas começam a acontecer na Igreja, caracterizada pela aceitação e até utilização dos novos meios, mas ainda com certa desconfiança. Foi nesse contexto que surgiu a Rádio Vaticano, por exemplo, em 1931. Essa rádio existe até hoje.

No entanto, nessa segunda fase ainda havia uma vigilância sobre a imprensa, cinema e rádio. Isso pode ser destacado, por exemplo, na encíclica *Vigilanti Cura* escrita pelo Papa Pio XI em 1936: “é geralmente para o mal que o cinema exerce sua influência. (...) é uma das supremas necessidades do nosso tempo fiscalizar e trabalhar com todo afínco para que o cinema não seja uma escola de corrupção”. (VC 26) Dentre tantos argumentos, o pontífice destacou no texto o mal que a arte cinematográfica poderia causar devido as “salas semi-obscuras” (VC 24) e “sedução dos atores e atrizes” (VC 25). Para Puntel (2011, p.224), “a Igreja teve sérias dificuldades em reconhecer os valores positivos nos meios de comunicação e em perceber suas potencialidades para atuar como instrumentos na defesa da dignidade dos seres humanos”.

Um verdadeiro marco nessa trajetória entre Igreja e Comunicação é o Concílio Vaticano II, que buscou fomentar uma aproximação da Igreja com o mundo moderno. Dentre os assuntos tratados, os meios de comunicação tiveram destaque no decreto *Inter Mirifica* publicado em 1963. Aqui surge a **terceira fase**, na qual a Igreja passa a olhar para esses novos meios como “maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus” (IM 1)

No decreto, a Igreja não deixa de chamar a atenção para a necessidade do “reto uso” dos meios de comunicação e denuncia as consequências ruins à sociedade humana quando tais meios não são bem utilizados. Mesmo assim, no texto a Igreja reconhece os valores positivos da mídia, encoraja a participação consciente dos fiéis católicos nesse ambiente e até institui o Dia Mundial das Comunicações, celebrado no Dia da Ascensão do Senhor, no domingo posterior a celebração litúrgica de Pentecostes, com data que se altera em cada ano.

Desde então, a Igreja se inseriu cada vez mais nos meios de comunicação e demonstrou interesse em adaptar a sua milenar tradição aos novos meios tecnológicos. Os papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco publicaram comunicados, instruções e documentos que discutem as variadas questões oriundas dos meios de comunicação. Em 2018, por exemplo, a mensagem do Papa Francisco para o 52º Dia Mundial das Comunicações abordou o problema das Fake News. Isso corresponde a **quarta e atual fase**, na qual a Igreja se propõe a fazer uma avaliação crítica da realidade nessa era da cibercultura.

É também nessa fase que se desponta o conceito de ciberteologia, que busca unir à cibercultura os elementos teológicos da sociedade. O teólogo e comunicólogo Antônio Spadaro definiu a ciberteologia como

a inteligência da fé em tempos de rede, isto é, a reflexão sobre a ‘pensabilidade’ da fé à luz da lógica da rede. Referimo-nos a reflexão que nasce da pergunta sobre o modo no qual a lógica de rede, com suas potentes metáforas que trabalham o imaginário, além da inteligência, possa modelar a escuta e a leitura da Bíblia, o modo de compreender a Igreja e a comunhão eclesial, a Revelação, a liturgia, os sacramentos: os temas clássicos da teologia sistemática. A reflexão é importantíssima porque resulta fácil constatar como a internet cada vez mais contribui para construir a identidade religiosa das pessoas e se isto é verdadeiro em geral, será cada vez mais para os chamados ‘nativos digitais’ (SPADARO, 2012, p.40).

Ele parte do pressuposto de que a revolução digital influencia o exercício da fé, não só devido as novas possibilidades de evangelização através da rede, mas sobretudo devido aos pontos de contato e de interação produtiva que existe entre a rede e o pensamento cristão. Se a internet muda a forma do ser humano pensar, muda a forma como se pensa a fé, amplificando as potencialidades do seu exercício, modificando a forma como se reza e ultrapassando as fronteiras da própria religião. Isso pode ser verificado nos inúmeros fenômenos religiosos encontrados no meio digital, como Missas ao vivo, portais e aplicativos religiosos e até grupos de oração virtuais. Com a internet, o que é religioso ou teológico ganha novas dimensões. Por isso, a pergunta fundadora da reflexão ciberteológica é: “se as [...] tecnologias digitais modificam o modo de comunicar e até mesmo de pensar, qual o impacto que terão no modo de fazer teologia?” (SPADARO, 2012, p. 39).

Além da Ciberteologia, é durante a quarta fase que surge o conceito de “hipermodernidade”, termo criado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky, que representa o momento atual da sociedade. Para ele, passou-se o tempo da modernidade. Agora estamos na era do “hiper”, na qual os valores criados na modernidade são exacerbados, elevados de forma exponencial.

Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto – o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? Ao clima de epílogo segue-se uma sensação de fuga para adiante, de modernização desenfreada, feita de mercantilização proliferativa, de desregulamentação econômica, de ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas. (LIPOVETSKY, 2004, p. 53).

Relacionando os dois conceitos, Amaro da Silva (2015, p.404-405), considera que a ciberteologia não é uma teologia da comunicação, mas sim uma teologia que reflete sobre a vida hipercomunicativa. Ou seja, os fenômenos estudados pela ciberteologia são sintomas de uma sociedade hipermoderna, que, dentre diversos aspectos, influencia na maneira de se viver a espiritualidade.

YOUTUBE

O *YouTube* surgiu em fevereiro de 2005 como uma plataforma de compartilhamento de vídeos na internet. Foi criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, que posteriormente venderam o domínio do site para o Google no final de 2006.

Desde então, o *YouTube* passou a se configurar como uma das maiores redes sociais do mundo, com a possibilidade dos seus usuários compartilharem e assistirem vídeos, interagindo entre si através da função “comentário”, “inscrever-se” e “gostei” ou “não gostei” (BAGGIO LIMA, 2018, p. 10).

No *YouTube* é possível encontrar vídeos em diversos formatos sobre diversos assuntos. De produções amadoras aos conteúdos de alto investimento, essa rede social contribuiu para a modificação da forma como se consome conteúdos audiovisuais. No entanto, observa-se que o *YouTube* não é mais somente um fenômeno de compartilhamento de vídeo, mas também de áudio. Isso se observa nos vídeos publicados que possuem apenas uma imagem que não se altera com o passar do tempo, uma vez que o foco do produto é o conteúdo sonoro, normalmente uma música, gravação de áudio ou até um podcast.

Nesse sentido, diversas canções começaram a ser publicadas e até lançadas nessa plataforma. Aos poucos o *YouTube* se tornou um serviço para o consumo de músicas. Clipes oficiais, amadores, paródias, *mashups*, covers, CDs e até DVDs estão presentes na plataforma. Tudo isso aconteceu mesmo sem o *YouTube* funcionar exatamente como um serviço de streaming de música. Essa rede social sempre foi usado por seus usuários como uma alternativa para acompanhar artistas, escutar canções e publicar músicas. Como define Silva Júnior (2016, p.6), seria “uma espécie de streaming alternativo“. Isso se deu, principalmente, com a criação do serviço “reprodução automática”, que permitiu a escuta aleatórias de músicas sem interrupção.

Recentemente, foi lançado o aplicativo “*YouTube Music*“, o serviço de streaming musical oficial do Google. A plataforma se assemelha a outros aplicativos de música como Deezer e Spotify, estabelecendo uma assinatura paga que permite ao usuário escutar músicas sem anúncio, no modo off-line e em segundo plano. Esse novo serviço é baseado nos vídeos publicados no *YouTube*, o que dá a possibilidade ao usuário escutar a música e ver o clipe ao mesmo tempo.

Com a crescente escuta da música gospel (e da indústria gospel como um todo), o *YouTube* se tornou um local onde diversas canções religiosas foram compartilhadas. Seguindo a mesma lógica dos outros estilos musicais, é possível encontrar no *YouTube* clipes oficiais, amadores, paródias, *mashups*, covers, CDs e até DVDs gospels.

Antigamente, a música religiosa, desde os hinos, salmos e louvores encontrados na Bíblia até o canto gregoriano, era utilizada para auxiliar na oração do fiel. “Quem canta

reza duas vezes”: essa é uma frase comum na tradição católica, comumente atribuída a Santo Agostinho, embora não haja evidência de que o santo tenha mesmo dito isso. Mesmo assim, essa frase representa a “função” religiosa que a música deve ter: fazer rezar.

Antes a música religiosa só podia ser consumida pela mediação direta da Igreja. Atualmente, com o advento de uma indústria cultural religiosa, esse consumo se tornou mais diversificado, com as características próprias da hipermodernidade. Esse é um fenômeno *ciberteológico*, no qual observa-se que por trás do aparente desejo de evangelizar através da música pelo *YouTube*, está a consequente inculturação da mensagem cristã na cibercultura.

Para uma das instituições mais antigas e tradicionais como a Igreja Católica, que tanto criticou os avanços tecnológicos e comunicacionais, se render a cibercultura é reconhecer que o homem também muda ao passo da modificação da realidade. Transformam-se os meios, mas também o próprio homem e a sua cultura. A ciberteologia é um bom exemplo disso.

“sistercristinaVEVO”

O canal do *YouTube* “sistercristinaVEVO”, um dos objetos desse estudo, é a plataforma onde são publicadas os clipes oficiais da cantora Cristina Scuccia, mais conhecida como Sister Cristina. Ela é uma freira ursulina italiana vencedora do programa *The Voice of Italy* em 2014. Nesse período, Sister Cristina se tornou popular no mundo todo por ter o vídeo da sua audição no programa “viralizado” pela internet, não só pelo fato de uma freira participar do *The Voice*, mas também pela música cantada no programa, a premiada canção “No One” de Alicia Keys, que não possui conotação religiosa. Atualmente, esse vídeo possui mais de 99 milhões de visualizações no canal do *YouTube* do programa.

Aliás, existem diversos vídeos no *YouTube* de Sister Cristina cantando músicas seculares e religiosas. No entanto, o canal sistercristinaVEVO possui apenas três vídeos, clipes oficiais de músicas de trabalho da cantora. Das três músicas, duas são originalmente religiosas e uma é secular, a versão da canção “Like a Virgen” de Madonna.

“Like a Virgen” é uma canção que possui considerável conotação sexual, símbolo da década de 1980. O clipe da canção interpretado por Madonna foi gravado em Veneza

e nele é possível observar a presença de elementos que remetem ao erótico, sexo e prazer. Não há nada de religioso na canção.

Já a versão católica da música dialoga e ao mesmo tempo rompe com a versão original. O clipe de Sister Cristina também foi gravado em Veneza, mas mostrando aspectos da cidade que ressaltam a sacralidade da região. A batida sensual da música deu lugar a uma melodia suave. Agora é possível observar inúmeros elementos religiosos na canção.

Em uma reportagem publicada no site da Veja, Sister Cristina afirmou que a letra da música pode ser interpretada como uma “alegoria do chamado de Deus” e ela tenta expressar isso na sua versão que possui mais de seis milhões de visualizações no *YouTube*. O vídeo possui também centenas de comentários em diversos idiomas, como manifestações positivas de pessoas que se sentiram tocadas pela canção, mesmo sem ser católicas:

(...) O que é apropriado e o que não é? Os limites que os outros colocam são apropriados? Ou talvez seja apropriado trazer a alegria e a fé além das margens da crença comum? Se a Sister Cristina conseguiu transformar um desleixado "like a virgin" anos 80 em uma obra-prima de estilo, exalando delicadeza e amor, então a escolha da música não poderia ser mais bem sucedida. Os passos para evangelizar o mundo devem ser feitos de acordo com as estradas do mundo, mas não "para o mundo". Vamos liderar pela voz extraordinária da Sister Cristina pelas ruas do mundo... e você verá que o mundo mudará de estrada. Em toda esta sobreposição de perguntas, respostas e comentários, gostaria de agradecer à Congregação das Irmãs Ursulinas da Sagrada Família, que com este projeto têm acreditado, acredita e acreditará no futuro, porque na dificuldade incontestável do projeto, a sua clarividência ajudará a trazer alegria a um mundo que, inconscientemente, tem uma grande necessidade de voltar a crer. (Trecho do comentário do canal “zappi amato” há quatro anos atrás, tradução minha).⁵

Basta mudar a performance e a música muda de significado. Ela é oposta ao que Madonna representa e defende e o mesmo acontece com o significado da letra da canção. Sister Cristina coloca a música de cabeça para baixo: pode um dia ter sido obsceno, mas no novo contexto é tão inocente, puro e belo. Eu realmente aprecio o que ela fez. Ela conquistou outro ponto sombrio para Cristo. Ela é realmente muito corajosa, porque ela deve ter sido consciente dos possíveis equívocos e

⁵ (...) *Quindi che cosa è appropriato e cosa non lo è? I confini che gli altri pongono sono appropriati? O forse è appropriato portare gioia e fede oltre gli scontati margini del credere comune? Se Suor Cristina è riuscita a trasformare una sciatta "like a virgin" anni 80 in un capolavoro di stile trasudante delicatezza e amore, allora la scelta dei brani non potrebbe essere più riuscita. I passi per evangelizzare il mondo devono essere fatti secondo le strade del mondo ma non "per il mondo". Lasciamoci condurre dalla voce straordinaria di Suor Cristina per le vie del mondo..... e vedrete che il mondo cambierà strada. In tutto questo sovrapposi di domande, risposte e commenti vorrei rivolgere un ringraziamento alla congregazione delle "Suore Orsoline della Sacra Famiglia" che in questo progetto hanno creduto, credono e crederanno in futuro, perché nella indiscutibile difficoltà del progetto la loro lungimiranza contribuirà a portare gioia in un mondo che, inconsapevolmente, ha un gran bisogno di tornare a credere.*

mal-entendidos no início. (Comentário do canal “Jacek R. S.” há quatro anos atrás, tradução minha).⁶

Eu sou ateu, mas isso não significa que esta versão de Like A Virgin não possa me emocionar. Irmã Cristina tem uma voz bonita, poderia muito bem compartilhar esse talento... Além disso, o produto do álbum vai para a caridade, eu não vejo o que há de errado com tudo isso. (Comentário do canal “Erynith Mawen” há quatro anos atrás, tradução minha).⁷

“Projeto Laus Deo”

O canal do *YouTube* “Projeto Laus Deo”, outro objeto desse estudo, surgiu no final de 2015 e é composto atualmente por Lívia Figueiredo, Doug Meneses e Daniel Lira. Os três fazem covers e *mashups* de músicas católicas com músicas seculares. No total, o canal possui 4 mil inscritos e mais de 240 mil visualizações com apenas 20 vídeos publicados, sendo 16 *mashups* e quatro covers. Com tamanho sucesso no meio religioso, os jovens integrantes do Laus Deo começaram a fazer shows pelo país.

Laus Deo é um termo latim que em português significa “Louvor a Deus”. O canal se descreve no *YouTube* como: “através de *mashups* de músicas religiosas e seculares, o projeto Laus Deo traz uma proposta inovadora ao encontrar Deus em tudo já que Ele mora em cada um de nós”. Sendo assim, para os integrantes do projeto, é possível louvar a Deus até com as músicas seculares. Se antes a música religiosa só podia ser consumida através da mediação da Igreja, agora ela pode ser até uma música secular, já que é possível “encontrar Deus em tudo”.

O vídeo mais visto do canal, com mais de 24 mil visualizações, é o *mashup* feito com as músicas “Lanterna dos Afogados” da banda Os Paralamas do Sucesso e “Segura a minha mão” do cantor católico Davidson Silva. Um outro vídeo que fez bastante sucesso, com quase 24 mil visualizações, foi o *mashup* das canções “Primeiros erros” do Capital Inicial e “Leva um tempo” do cantor católico Bruno Camurati, que chegou a assistir e compartilhar o vídeo nas suas redes sociais. O cantor ainda gravou junto com o Laus Deo um outro *mashup* da sua música “Feliz” e “Happy” de Pharrell Williams.

⁶ *Just change the performer and the change of the meaning will also follow. It's like: she's opposite of what Madonna represents and advocate for and the same happens with the meaning of the song's lyric. Sister Cristina puts the song upside down. It might have been obscene, but in the new context it's so innocent, pure and beautiful. I really enjoy what she has done. She's conquered another dark spot for Christ and with Him. She's indeed very brave, because she must have been aware of the possible misconceptions and misunderstandings at the outset.*

⁷ *Sono atea, ma ciò non significa che questa versione di Like A Virgin non possa emozionarmi. Suor Cristina ha una bella voce, tanto vale condividere questo talento...inoltre, il ricavato dell'album andrà in beneficenza, non vedo cosa ci sia di male in tutto questo.*

Nesses *mashups*, assim como na versão católica de “Like a Virgin” a canção secular ganha uma conotação religiosa, o que é reforçado pela presença da canção católica que integra o conjunto. O vídeo é construído para fazer com que quem o assista possa rezar com essas canções, como é o propósito de toda música religiosa. Observa-se que esse objetivo é alcançado quando se lê os comentários dos vídeos, também positivos em sua maioria:

(...) Vocês salvaram minha noite, ouvindo vocês cantarem foi como se Jesus estivesse me abraçando de verdade. Que Deus ilumine vocês e que nossa mãezinha cubra vocês com seu manto sagrado. (Trecho do comentário do canal “Victor Freire” há cinco meses atrás no *mashup* das músicas “Pés cansados” de Sandy e “Abraço de Pai” de Walmir Alencar).

Sempre soube que ‘Me espera’ e ‘Pés cansados’ eram mais que canções, e sim orações. Parabéns pelo lindo trabalho. (Comentário do usuário “Renan Moraes” há um ano atrás no *mashup* das músicas “Me espera” de Sandy com Thiago Iorc e “Ao partir do pão” de Walmir Alencar).

cara. vocês são surreais! *to* até agora me perguntando como não pensei nisso antes! canto *mt* música secular pra Jesus! (Comentário do usuário “Iago Araújo” há dois anos atrás no *mashup* das músicas “Primeiros erros” do Capital Inicial e “Leva um tempo” de Bruno Camurati).

CATÓLICOS HIPERMODERNOS

Como já foi dito anteriormente, a ciberteologia reflete sobre uma vida hipercomunicativa. Os fenômenos estudados pela ciberteologia, como o uso de músicas seculares para fins religiosos, são sintomas de uma sociedade hipermoderna, que influencia na maneira que se vive a espiritualidade.

No período da modernidade houve uma diminuição do poder da religião e aumento do processo de secularização. O progresso científico promovia a crença de um futuro de bem-estar, possível de ser planejado, na qual a religião não seria mais necessária. Foi assim que surgiu as famosas expressões de críticas à Igreja como “a religião é o ópio do povo” e “Deus está morto!”.

Na hipermodernidade, nem Deus, nem a religião morreram. Há sim um “revivescimento do passado” que extrapola o culto às tradições. Isso faz com que, dentre outras coisas, o religioso tenha o status de “dignidade social” de um povo que se identifica, mesmo que de maneira transitória, com aquela religião. Deus e a religião, portanto, continuam vivos, mas não da mesma maneira de antigamente. A própria

religião, que antes criticava a modernidade, se adequa à hipermodernidade para continuar a existir.

Os movimentos que reavivam a chama do sagrado ou das raízes estão muito longe de ser de mesma natureza e de manter a mesma relação com a modernidade liberal. No Ocidente, muitos deles se apresentam com traços que se conciliam perfeitamente com a cultura liberal do indivíduo legislador de sua própria vida. Prova disso são as famosas "religiões à la carte", os grupos e redes que combinam as tradições culturais do Oriente e do Ocidente, os quais utilizam a tradição religiosa como meio de auto-realização subjetiva dos adeptos. Aqui, não há nenhuma antinomia com a modernidade individualista, pois a tradição fica à disposição dos indivíduos, "mexida", mobilizada como via de auto-realização e de integração comunitária. A era hipermoderna não põe fim à necessidade de apelar para tradições de sentido sagrado; ela simplesmente as rearranja mediante individualização, dispersão, emocionalização das crenças e práticas. Com a primazia do eixo do presente, crescem as religiões "desregulamentadas" e as identidades pós-tradicionais. (LIPOVETSKY, 2004, p. 93-94).

O que Lipovetsky disse é resumido por Rodrigues da Silva (2009, p.7) como uma espécie de identidade religiosa que surge com a hipermodernidade, na qual

Ocorre um esvaziamento do predomínio da instituição: experiências centradas no indivíduo, acesso direto ao sagrado e a visão do divino como algo impessoal e imanente. O fiel promove um trabalho de mediação cultural e uma elaboração da religião, que inclui a mudança ou reinterpretação no discurso ou na prática religiosa como leigo. (RODRIGUES DA SILVA, 2009, p.7).

Na Igreja Católica, essa “mudança ou reinterpretação no discurso ou na prática religiosa” acontece ao ser fornecido mais protagonismo aos leigos na Igreja, graças ao Concílio Vaticano II, o mesmo que promoveu o decreto Inter Mirifica, citado anteriormente. A partir desse concílio, diversas iniciativas católicas surgiram e se espalharam no Brasil e no mundo. Tratam-se, sobretudo, de iniciativas que dialoguem com a realidade atual. Ou seja, iniciativas hipermodernas para um tempo de espiritualidades hipermodernas.

Os canais religiosos citados são exemplos dessas iniciativas. Eles são hipermodernos não só por se utilizar da música secular para fins religiosos, mas também por promoverem, mesmo que inconscientemente, uma nova forma de se viver a religião, na qual o indivíduo leigo é o protagonista e mediador, não mais a figura da Igreja ou do

sacerdote. Se o indivíduo quiser, ele pode rezar com uma música secular, independente da sua religião ou até mesmo da sua crença em Deus. Isso é observado nos comentários dos vídeos expostos anteriormente: “Eu sou ateu, mas isso não significa que esta versão de Like A Virgin não possa me emocionar”; “foi como se Jesus tivesse me abraçando de verdade”; “Sempre soube que ‘Me espera’ e ‘Pés cansados’ eram mais que canções, e sim orações”;

A canção secular e a canção religiosa se misturam de um modo que é possível observar uma transformação progressiva da música secular em religiosa. Isso é um sintoma de uma sociedade hipermoderna, na qual o indivíduo faz a sua própria “elaboração da religião”, o que modifica a tradicional forma de se viver o sagrado. Surgem assim novas formas de religiosidade e de expressão da fé, muitas vezes ligadas aos avanços tecnológicos, o mundo digital e as características hipermodernas do mundo.

CONCLUSÃO

A tradicional Igreja Católica por muito tempo manteve um olhar de desconfiança em relação aos avanços tecnológicos, principalmente no que tange o surgimento dos meios de comunicação. Somente em 1963, com o decreto Inter Mirifica, publicado durante o Concílio Vaticano II, foi possível observar uma clara mudança nesse aspecto. A partir de então a Igreja passa a considerar os novos meios como “maravilhosas técnicas” e passa a se utilizar cada vez mais deles. Isso é aprofundado com o advento do meio digital e o surgimento da cibercultura, na qual surge também a ciberteologia, um diálogo da fé em tempos de rede.

Essa fé se exprime na cibercultura através de inúmeras formas e ações, frutos de um tempo hipermoderno. A ciberteologia se insere assim na hipermodernidade pelo fato dos fenômenos estudados pela ciberteologia serem sintomas de uma sociedade hipermoderna, ou seja, serem também objetos de estudo da hipermodernidade.

Nesse caso, o artigo apresentou dois canais no *YouTube*, Projeto Laus Deo e sitercristinaVEVO para analisar, sob a ótica da ciberteologia e da hipermodernidade, o uso das músicas seculares para fins religiosos e como isso modifica a forma de se viver a religião. Observou-se que esse fenômeno promove uma transformação progressiva da música secular em religiosa através da possibilidade de se rezar escutando uma música que originalmente não possui fins sacros. Logo, surge assim uma nova forma de se viver a religião, relacionada com o consumo e apropriação religiosa da música secular. Isso é

ciberteológico, pois é fruto da Fé em rede, para a rede. Também é hipermoderno, pois é centrado no indivíduo que reelabora a religião e até as práticas da oração como algo pessoal e imanente.

REFERÊNCIAS

AMARO DA SILVA, Aline. Ciberteologia: teologia no cenário contemporâneo global. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 28. 2015. Belo Horizonte. **Anais do Congresso da SOTER**, Belo Horizonte: SOTER, 2015. p. 400-406.

BAGGIO LIMA, Estela. **Representações de si no canal Jout Jou Prazer: como se constrói o discurso de Julia Tolezano no YouTube**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

Da Redação (Veja). Freira que cantou “Like a Virgin” diz que meta é evangelizar. **Veja**, São Paulo, 28 out. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/freira-que-cantou-like-a-virgin-diz-que-meta-e-evangelizar/>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. Tradução Mário Vilela. – São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

PAULO VI. **Inter Mirifica**, sob os meios de comunicação social. Disponível em <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html>. Acesso em: 11 dez. 2018.

PIO XI. Encíclica **Vigilante Cura**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html>. Acesso em: 11 dez. 2018.

PUNTEL, J. T. A Igreja a caminho na comunicação. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 221-242, 2011.

RODRIGUES DA SILVA, Gabriel. **Os meios de comunicação na Igreja Católica: novos rumos e uma Canção Nova**. Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2009.

SILVA JÚNIOR, Flávio. Na Onda do Streaming: Plataformas Digitais Sonoras no Mercado Musical Brasileiro. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 18. 2016. Caruaru – PE. **Anais eletrônicos**, Caruaru: Intercom, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1314-1.pdf>>. Acesso em 11 de dezembro de 2018.

SOUTO, J. F.; REIS, M. V. de F. A Relação Igreja-Imprensa: o nascimento da Imprensa Católica no século XXI. **Diversidade Religiosa**. João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 152-182, 2016.

SPADARO, Antônio. **Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos de rede**. Tradução Cacilda Rainho Ferrante. – São Paulo: Paulinas, 2012.